



rumores e ruídos

NO PAPEL OU NA NUVEM?

Em pedra, madeira, metais, papiro ou pergaminho, até chegar à celulose do papel, o homem buscou, desde o período Paleolítico, suportes para grafar a expressão de suas necessidades, emoções e pensamentos. Lascar e desenhar, por intermédio da linguagem pictórica ou escrita, registros cotidianos, sentimentos e vontades são formas de conferir materialidade à comunicação e fazê-la transcender a oralidade que se pode perder na memória da coletividade ou no apagamento das línguas.

Datam das cavernas de Lascaux na França e de Altamira na Espanha as primeiras imagens que traduziram, na pedra, a crença de que, uma vez pintados, os animais que constituíam a fonte de alimentação, ou seja, a própria sobrevivência humana, se concretizariam por uma forma de magia, a que os estudiosos chamaram de “propiciatória”, porque capaz de criar uma realidade para a imaterialidade do desejo. Também a fertilidade, essencial à preservação da espécie, foi representada em imagens de mulheres grávidas em pequenas esculturas de pedra, osso ou madeira.

A “escrita”, mesmo anteriormente aos alfabetos, procurava dar conta não só de um impulso comunicacional, mas também da sua conservação. Escrever nunca foi apenas um instrumento para a interlocução imediata. Foi e é, sobretudo, um mecanismo para guardar, preservar e legar. Funções estas que ultrapassam circunstâncias presentes e lançam à frente a comunicação, condição que nos distingue com singularidade entre os seres vivos.

Assim, o refinamento dos suportes atravessou milênios e culturas. A invenção do papiro (“papyrus”) é conquista dos egípcios 3000 a.C. No talo desta planta aquática, localizada nas margens do rio Nilo, encontravam-se fibras resistentes e flexíveis que, unidas em lâmina, forneciam uma superfície possível de ser gravada. Tal escrita, constituída de um conjunto de sinais (ideogramas e fonogramas), chamava-se hieroglífica e era prerrogativa de nobres, escribas e sacerdotes.



O alfabeto latino, que se originou do etrusco e do grego, passou a ser utilizado a partir do século VII a.C. Nessa época, as inscrições já se faziam em papiro. O pergaminho, muito mais durável, já que feito de peles de animais esticadas, secas e polidas, é introduzido ainda antes da era cristã por causa da escassez das folhas daquela planta e por sua maior durabilidade. A evolução do alfabeto latino, como dimensão escrita da linguagem humana, foi-se dando paralelamente ao refinamento dos suportes que poderiam acolhê-lo.

Para a expressão escrita da linguagem e suas intenções de comunicação, perpetuação e disseminação, o suporte é, portanto, condição imprescindível. A invenção do papel, tal como o conhecemos hoje, é atribuída aos chineses já nos primeiros anos da era cristã. Sua industrialização ganha força no século XIX e é posterior à revolução trazida pela imprensa de Gutemberg.

Tal retrospectiva histórica tem a única pretensão de pensar as formas da materialidade física que o homem foi dando tanto à linguagem quanto aos seus suportes, impulsionado por dois movimentos aparentemente contraditórios: uma força centrípeta (de conservação e patrimonialização) e outra centrífuga (de disseminação e circulação). Se, por um lado, o papel representou a segurança de que a cultura e a ciência ganhariam um lugar para repousar e serem arquivadas como memória; por outro, viabilizou sua transmissão entre as gerações e os povos.

Ainda que premido por políticas de sustentabilidade do planeta, o papel, oriundo da celulose das árvores, conferiu às sociedades um abrigo para o pensamento científico e cultural, gerando, por vezes, falsas hierarquias entre culturas letradas (aquelas agarradas às folhas de celulose) e outras poucas que ainda se sustentam eminentemente na oralidade. Com as técnicas de reprodutibilidade, o papel foi expandindo fronteiras linguístico-culturais, criando interpenetrações, arrastando nacionalidades para além de seus territórios. Apavorante é que sua grande ameaça seja uma invenção humana tão primitiva: o fogo.

Ora, mas no século XXI o papel cede sua hegemonia a outras formas



rumores e ruídos

de arquivamento e divulgação. Escrevemos em outros suportes e guardamos nossos conhecimentos em cds e minúsculos pendrives com maiúsculas capacidades de armazenamento. Gigas e mais gigabytes que podemos transportar quase imperceptivelmente em objetos de poucos centímetros, embora passíveis de serem igualmente perdidos ou infectados por vírus perigosos e não catalogados. Se escapamos do fogo, ficamos, agora, rendidos por ameaças imateriais.

A solução estaria, então, nas nuvens, ou melhor, na “cloud computing”: a nuvem computacional? Os drives atuais estão na intangibilidade do céu, no skydrive. De lá, remotamente, qualquer documento poderia ser acessado por intermédio de simples computadores ou dispositivos ligados à internet. Assustador, não?

